



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Colapso

AUTOR

Cláudia Lucas Chéu

ANO

2011

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Cláudia Lucas Chéu

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Colapso

AUTOR

Cláudia Lucas Chéu

ANO

2011

2015 Coimbra



Cláudia Lucas Chéu

1978. É co-fundadora do Teatro Nacional 21. Frequentou o curso de Línguas e Literaturas Modernas (FCSH) e concluiu o curso de Formação de Atores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Estudou-se na encenação no Teatro S. Luiz com *Poltrona – monólogo para uma mulher*. Encenou *Glória ou como Penélope Morreu de Tédio*, na sala estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, *Europa, Ich Liebe Dich* no Teatro Rápido e *Violência – fetiche do homem bom* na sala estúdio do Teatro Nacional D. Maria II. Tem publicados os textos para *teatro Glória ou como Penélope morreu de tédio* e *Poltrona – Monólogo para uma mulher*, edições Bicho-do-Mato/Teatro Nacional D. Maria II; *Colapso*, edição Teatro Nacional São João; *Violência – fetiche do homem bom*, *Círculo Onanista*, *Bank, Bank, You're Dead* e *Europa, Ich Liebe Dich*, edições Bicho-do-Mato/Teatro Nacional D. Maria II; *A Cabeça Muda*, Cama de Gato Edições. Publicou ainda a micro peça *Circle Jerk* na Revista de Artes Escénicas "Galega Nua". Tem poesia publicada na antologia *Meditações sobre o fim – Os Últimos poemas*, edições Hariemuj. Foi galardoada com o Emmy Award como elemento na equipa de argumentistas da telenovela *Laços de Sangue*. É co-fundadora do Teatro Nacional 21 e da Cama de Gato Edições. Acaba de criar a editora Cama de Gato Edições e de publicar o livro *Nojo*, (não) edições.

Soy un puto resentido y un puto inadaptado.
Soy un puto actor que hace de perro,
por una puta vez en su puta vida,
después de las cucarachas,
en un Teatro Nacional
porque un perro cobra más que un puto actor.
Angélica Liddell – *Perro Muerto in Tintorería: Los Fuertes*

1.

Calypso

Eu sou Calypso,
sou a actriz que faz de Calypso.
Sou a protagonista
paga para ser a outra,
escolhida e vestida de puta.
Seleccionada pela cara e pelas mamas,
– reparem no decote babado por velhos de ténis brancos.
O meu currículo foi lido na diagonal,
na horizontal
e é sempre surpreendente o efeito da contracção do diafragma.
Eu sou a deusa da minha classe,
tenho prémios e faço cinema. Sou imortal.
Vivo na merda de uma ilha,
e toda a gente sabe que os habitantes das ilhas não passam de prisioneiros na sua
própria terra
e toda a gente sabe que o planeta é todo ele uma ilha,
rodeado do espaço todo, e toda a merda do universo,
mais o infinito em expansão, não passam eles próprios de uma ilha também.
Eu sou a actriz que hipnotiza os espectadores com o meu corpo HD,
e no Teatro sou pernas e rabo em 3D sem precisarem dos óculos.
Sou barata.
Sou cara.
Depende.
Faço-me pagar consoante o conteúdo,
se não me agrada faço-me cara.
Como as putas.
Eu sou a boca da Calipso,
eu sou o final da boca da Calipso.
A actriz que decorou as deixas, mas não entendeu o fim.
Eu estou abaixo das cadelas.
Sempre cheia de cio.
Sou uma cadela com cio.
Sou a actriz que faz de cadela com cio.
Sou exótica.
Sou estúpida.
Estou no final da cadeia alimentar.
Sou mulher.

2.

Ulysses

Eu sei que não vais perceber, e que por mais que te explique
o que é a Arte, não vais entender.

Onde é que aprendeste a expressar essas falsas emoções?

Só pode ter sido na infância,
entre a escola e uma brincadeira.

Mesmo as deusas foram à escola,
mesmo tu.

Já eras assim tão bonita na primária?

Aposto que não tinhas boas notas,
estavas distraída com o cabelo ou com as meias ou com a saia,
a tua futilidade vem de longe,
não me convences com a Odisseia debaixo do braço
e não é por seres mulher,
é só porque és um holograma.

E apesar de gostar de ti não te amo,
não te quero magoar,
mas não te amo
e não te amo,

porque não se ama o que está à mão
e à beira do sexo para sempre.

A eternidade pertence à Arte, entendes?

Eu sei que não vais perceber, porque as mulheres não entendem o que é a Arte
não todas, pelo menos.

Acreditam que a Arte é uma propriedade,
uma merda de um empréstimo que tens de pagar até ao fim
um trespasse
um aluguer
e eu só estou hipotecado a deus.

Eu sei que não vais entender,
mas não posso ficar mais tempo contigo, a minha estética evoluiu noutro sentido,
quero fazer outros filmes com outras actrizes ou voltar às mesmas
às do método.

Estou hipotecado a outra coisa
– já disse, não foi? –
e cansei-me de falar sobre guerra
nos meus filmes,
voltei à temática do amor.

3.

Calypso

Mesmo que me quisesse matar, mesmo que me mate
estou imortalizada nas películas que fizeste, registada a cores e em digital, roubada
ao passageiro, ao efémero. DEVOLVE-ME A MINHA MORTE. Eu sou o boato da crise,
a própria crise, sou as acções do banco e o *bluffe crash* económicos. A minha vulva
está sobrevalorizada no mercado. Sou os pêlos à volta da vulva. Tu és o paradigma
do conservadorismo

és um cavalo de pau

és um boi

és a merda de um eufemismo da História

*Então para tua casa e para a amada terra pátria
queres agora regressar? Despeço-me e desejo-te boa sorte.¹*

Dou-te mais bobines.

Realiza. Eu entendo.

Vai. Vai. Vai.

Estou morta.

Eu sou a actriz que faz de Calypso, morta.

Sou a merda da actriz,

que fica imóvel perante os outros durante horas,
fazendo-se de morta.

Tudo a movimentar-se à minha volta.

Alguém diz: "Vê-se a tua respiração".

DEVOLVE-ME A MINHA MORTE.

Ou então mudo de profissão e de país

talvez para Lesbos

arranjo maneira de ser novamente honesta e vulnerável
será que existe forma de voltar à ingenuidade?

Depois dos visas e dos créditos e das jóias

e de toda esta tralha supérflua,

existe maneira de darmos novamente com o fundo?

Quando mais escavo, mais me afundo

afundo

a fundo.

Estiveste preso à minha imagem,

preso às duas dimensões.

Eu não sou a merda de um holograma,

sete anos a fazer filmes,

a decorar papéis

e usar tácticas para que a cena nunca caísse,

e a cena nunca caiu, nunca caiu a puta da cena.

¹Homero – *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003. p. 97.

Visto-me.
Para a emigração.
Para que saibas, fui campeã das Olimpíadas.
Retomo os treinos com pedras nas algibeiras,
deusa das Woolf. Deusa das Woolf!
Eu sou a actriz que faz a Calypso.
Diz-me lá, Ulysses:
Quanto tempo dura uma apneia?

(A actriz entra vestida dentro de um enorme aquário com água e submerge.)

NOTA FINAL:

Este texto breve foi escrito a partir das propostas de exercícios, durante o ateliê ministrado por Jean-Pierre Sarrazac. Está publicado no livro *Oficina de Escrita Odisseia: Textos Escolhidos*, Teatro Nacional S. João; 2011. Choro para dentro, não é?



centro de
dramaturgia
contemporânea